

TRAÇOS DA VIRADA LINGUÍSTICA NA ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA: uma revisão de escopo

ANDRÉ LUIZ DE PAIVA

UFLA - Universidade Federal de Lavras
andrepaiwa2@gmail.com

VALDERÍ DE CASTRO ALCÂNTARA

UFLA - Universidade Federal de Lavras
valderi.alcantara@posgrad.ufla.br

LUÍS FERNANDO SILVA ANDRADE

UFLA - Universidade Federal de Lavras
andradelfs@gmail.com

DANY FLÁVIO TONELLI

UFLA
danytonelli@dae.ufla.br

MOZAR JOSE DE BRITO

Universidade Federal de Lavras
mozarbrito@gmail.com

Agradecemos à CAPES

Área temática: Estratégia em Organizações - Processo Estratégico nas Organizações
**TRAÇOS DA VIRADA LINGUÍSTICA NA ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA:
uma revisão de escopo**

Resumo

No campo da estratégia como prática, diversos trabalhos foram desenvolvidos com contribuições de sociólogos e de filósofos representantes da virada prática. Neste artigo, investiga-se a influência da virada linguística a partir da qual as categorias linguagem, discurso e comunicação se tornaram relevantes para o *strategizing*. O objetivo é identificar e analisar traços da virada linguística na abordagem da estratégia como prática. Realizou-se uma revisão de escopo em bases de dados nacionais (SciELO Brasil e SPELL) e estrangeiras (*Web of Science* e *Scopus*). A busca inicial resultou em 106 artigos. Após procedimentos de filtragem foram selecionados 46 trabalhos, dos quais, 14 são nacionais. Os traços identificados estão presentes nas temáticas discutidas (*sensemaking* e narrativas), nos dados utilizados (conversações, textos e diálogos) e autores referenciados, mesmo que de forma ainda incipiente (Habermas, Searle, Fairclough, Apel e Austin), com exceção de Wittgenstein. Revelou-se que traços da virada linguística adquiriram consistência nos últimos anos (principalmente a partir de 2013). Contudo, não é possível afirmar que esta virada foi profundamente explorada pela abordagem da estratégia como prática, existindo ainda uma agenda de pesquisa a ser ampliada.

Palavra-chave: Estratégia; Virada linguística; Linguagem.

Abstract

In the field of strategy as practice, several studies have been developed with input from sociologists and philosophers of the practice turn. In this paper it is investigated the influence of the linguistic turn from which language, speech and communication have become relevant to strategizing. The goal is to identify and analyze traces of linguistic turn in the strategy as practice approach. A scoping review of national databases (SciELO Brazil and SPELL) and international (Web of Science and Scopus) was conducted. The initial search resulted in 106 articles. After filtering procedures 46 papers were selected, 14 national. The traits identified are present in the discussed topics (*sensemaking* and narratives), in the data used (conversations, texts and dialogues) and referenced authors, even if not properly discussed (Habermas, Searle, Fairclough, Apel and Austin), with the exception of Wittgenstein. It was revealed that traces the linguistic turn acquired consistency in recent years (especially since 2013). However, it is not possible to say that this turn was deeply explored by the strategy as practice approach, and there is a research agenda that can be further extended.

Keywords: Strategy; Linguistic turn; Language.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos filosóficos e sociológicos passaram por diversas viradas (*turn*), dentre elas as viradas prática e linguística. Essas viradas influenciaram os estudos das organizações (ALVESSON; KÄRREMAN, 2000; DEETZ, 2003; SCHATZKI, 2006) e de suas estratégias (BARRY; ELMES, 1997; VAARA, 2010; MACIEL; AUGUSTO, 2013). Em destaque, a virada prática influenciou significativamente a forma de pensar a estratégia nas organizações e motivou o desenvolvimento da abordagem da estratégia como prática.

No campo da estratégia como prática, diversos trabalhos foram desenvolvidos buscando contribuições dos sociólogos e filósofos representantes da virada prática como Harold Garfinkel, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Michel de Certeau, Anthony Giddens e Theodore Schatzki (ZWICK; SILVA; BRITO, 2014). A importância dessa virada para a abordagem da estratégia como prática é devidamente reconhecida pelo campo (WHITTINGTON, 2006; VAARA; WHITTINGTON, 2012; MACIEL; AUGUSTO, 2013), por isso, neste artigo, o interesse repousa em outra virada, a *linguistic turn* (virada ou guinada linguística), e sua influência sobre os pressupostos, as metodologias e as epistemologias da estratégia como prática.

A *linguistic turn* foi um grande movimento filosófico do século XX, iniciado principalmente a partir dos textos *Tractatus Logico-Philosophicus* e *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein. Assim, detidamente, a partir da década de 1930 (DEETZ, 2003), a linguagem passa a ocupar lugar de categoria fundamental da filosofia. Consequentemente, ela também ofereceu uma oportunidade de reconhecimento das condições constitutivas da experiência (DEETZ, 2003).

Foram importantes nesse processo autores como Gottlob Frege, Bertrand Russell, Ludwig Wittgenstein, Rudolf Carnap, Martin Heidegger, John Austin, John Searle, Niklas Luhmann, Hans-Georg Gadamer, Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas que, mesmo a partir de perspectivas diferentes, focam a linguagem (e com especificidades o discurso e a comunicação) como elemento central de compreensão sociológica e filosófica da sociedade e das ciências. De outras formas, a linguagem e o discurso são também importantes nos trabalhos de Ferdinand de Saussure, Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Jacques Derrida.

O movimento da *linguistic turn* foi condensado primeiramente por Rorty (1967) na obra *The Linguistic Turn: Essays in Philosophical Method*. Apesar da sua aparente significação, essa virada possui uma história complexa e marcada por relações entre paradigmas, contextos sociopolíticos e debates teóricos (RUDOLPH, 2006). Contudo, o significado dessa virada continua a ser uma questão problemática (RUDOLPH, 2006) e importante nas ciências e filosofias contemporâneas, assim como para o estudo das organizações.

Para Alvesson e Kärreman (2000, p. 136) "[...] uma das tendências contemporâneas mais profundas nas ciências sociais é o interesse e foco na linguagem". Notadamente, na década de 1990 a virada linguística chegou aos estudos organizacionais e de estratégia (ALVESSON; KÄRREMAN, 2000). O foco na linguagem acompanhou discussões sobre discurso e comunicação, bem como novas possibilidades de investigação sobre narrativas, textos e conversações (KNIGHTS; MORGAN, 1991; BARRY; ELMES, 1997; HARDY; PALMER; PHILLIPS, 2000). Deetz (2003) destaca a importância desse movimento para o estudo das organizações considerando que ele aumentou as possibilidades de compreensão dos fenômenos interacionais. Também é reconhecida a relação entre a virada prática e a linguística, conforme Mueller et al. (2013, p. 1171): "a assim chamada 'virada linguística' tem caminhando de mãos dadas com a 'virada para a prática' nos estudos organizacionais e de gestão".

A linguagem, a comunicação e o discurso se tornaram questões relevantes para o *strategizing*, quando se passou a entender a estratégia não mais como algo que as

organizações possuem, mas algo que as pessoas fazem (WHITTINGTON, 2006). No âmbito da estratégia como prática, Grand, Rüegg-Stürm e Arx (2010, p. 66), fazendo menção ao trabalho de Rorty anteriormente lembrado e afirmam que: "essa mudança coincide com a virada linguística na filosofia (RORTY, 1967), identificando a comunicação como o processo central na promulgação da 'realidade' e criação de 'agência' no mundo social". Adiante, a estratégia como prática passou a focar os aspectos discursivos envolvendo a constituição da estratégia nas organizações (GOLSORKHI et al., 2010; VAARA, 2010; BALOGUN et al., 2014), a construção de sentidos mediados pela linguagem (SEIDL, 2007), os processos comunicativos (COOREN et al., 2011) e as narrativas (FENTON; LANGLEY, 2011).

Vaara (2010) destaca que os estudos envolvendo os aspectos discursivos do *strategizing* (não somente os relacionados à abordagem da estratégia como prática) têm discutido questões como o papel central da narrativa e outras formas de **discurso** nas organizações, a importância de habilidades retóricas no fazer estratégia e as implicações nas relações de poder e construção de identidade. A **linguagem** (e seus jogos) também emerge como elemento que constitui e (re)constitui estratégias (SEIDL, 2007; GOLSORKHI et al., 2010; FENTON; LANGLEY, 2011). Ainda como influência da virada linguística, destaca-se que Minghini, Maccali e Casali (2010, p. 2, grifo nosso) propõem "a compreensão da estratégia organizacional enquanto um conjunto de práticas **comunicativas** destinadas à construção coletiva de sentidos e significados".

Pelo exposto, as categorias **linguagem**, **comunicação** e **discurso** constituem elementos marcantes dessa nova abordagem da estratégia e revelam-se como traços (e influência) da *linguistic turn*. Contudo, Vaara (2010) indica que apesar da proliferação de estudos que examinam os aspectos discursivos da estratégia, o potencial da virada linguística ainda não foi realizado. Este artigo procura contribuir com essa consolidação e para tanto questiona: quais as influências da *linguistic turn* (virada linguística) na abordagem da estratégia como prática? Consequentemente, este artigo **objetiva identificar e analisar traços da virada linguística na abordagem da estratégia como prática**. Especificamente, identificar a influência nos pressupostos, nas epistemologias e nas metodologias da estratégia como prática. Para tanto foi realizada uma revisão de escopo, no intuito de assegurar a amplitude e sistematização da pesquisa.

Além da introdução, são apresentadas as principais revisões em estratégia como prática (seção 2); procedimentos metodológicos (seção 3); resultados e discussão (seção 4); e, por fim, considerações finais (seção 5).

2 REVISÕES EM ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA

Neste tópico são apresentadas algumas revisões já realizadas acerca da estratégia como prática (*strategy-as-practice*). Segundo Okayama, Gag e Oliveira Junior (2014, p. 192) essa abordagem "[...] está pautada na compreensão de que a estratégia não é algo que a organização tem, mas sim algo que a organização é". Jarzabkowski e Spee (2009) referem-se à pesquisa em estratégia como prática como aquela preocupada com o *strategizing*, com quem faz, o que eles fazem e quais as implicações de suas ações na formação da estratégia.

Rusko (2013) delimitou duas perspectivas principais de estudos de estratégia, a saber: uma mais descritiva - 'estratégia por si própria', e outra mais prescritiva - 'estratégias de gestão'. Para Rusko (2013) a estratégia como prática se encaixa na primeira perspectiva. Com isso, as pesquisas em estratégia como prática possuem certas características que as diferem de outras abordagens da estratégia organizacional. Primeiramente, está mais alinhada a teorias sociais do que a teorias econômicas (VAARA; WHITTINGTON, 2012). Em segundo lugar, a abordagem está interessada em discutir e ampliar o conceito de *performance* organizacional. Em terceiro, amplia o tipo de organizações que podem ser estudadas, tais como empresas sem fins lucrativos, organizações sociais, etc. (VAARA; WHITTINGTON, 2012).

Essa abordagem tem recorrido aos estudiosos de áreas como sociologia, filosofia, linguística, etc. a fim de construir *frameworks* de análise do fenômeno da estratégia a partir do estudo das interações dos indivíduos com as estruturas que os envolvem no processo de fazer estratégia (GOLSORKHI et al., 2010). Seidl e Whittington (2014), em revisão realizada a partir de todos os artigos publicados na *Organization Studies*, um dos periódicos com maior ocorrência de trabalhos orientados pela perspectiva da estratégia como prática, discutem que esse campo possui uma considerável quantidade de trabalhos teóricos baseados nos diversos autores e macro-teorias da sociologia contemporânea e outras áreas do conhecimento. Assim, destacam cinco trabalhos cuja contribuição foi de grande importância para o desenvolvimento da abordagem, a saber: Knights e Morgan (1991), Herepath (2014), Fenton e Langley (2011), Chia e Holt (2006) e Seidl (2007).

Conforme se observa, as influências são as mais diversas (Anthony Giddens, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Ludwig Wittgenstein, Bruno Latour e outros). Isso se explica pela adesão da estratégia como prática a *practice turn* (virada prática) que, segundo Vaara e Whittington (2012), foi um fenômeno decorrente de uma proliferação de teorias da prática nas ciências sociais. Além destes autores, Okayama, Gag e Oliveira Junior (2014) destacam em sua revisão a teoria da atividade, perspectiva crítica do discurso de Fairclough e a teoria das representações sociais.

Na pesquisa realizada por Walter, Bachl e Barbosa (2012), os primeiros artigos do campo datam de 1996 (1 artigo de Whittington de 1996), 2000 (1 artigo) e 2001 (2 artigos). No Brasil, os primeiros são de 2004 (2 artigos) e 2005 (1 artigo), sendo os dois primeiros traduções: *Estratégia após o modernismo: recuperando a prática* (WHITTINGTON, 2004) e *Pensando e agindo estrategicamente: novos desafios para a análise estratégica* (WILSON; JARZABKOWSKI, 2004). O terceiro é de autor brasileiro, Silva (2005) que critica a "[...] lógica dominante em estratégia e propõe a abordagem de estratégia como prática embasada na teoria da ação como alternativa viável" (WALTER; BACHL; BARBOSA, 2012, p. 312). Logo, a estratégia como prática é uma perspectiva recente na área de estratégia, especialmente no Brasil (WALTER; AUGUSTO, 2012; BRITO et al., 2014).

Sobre a evolução do campo, a sociometria realizada por Maia, Serio e Alves Filho (2015) apresenta que após a publicação do trabalho seminal de Whittington (1996), diversos encontros organizados pelo *European Group of Organization Studies* sobre a abordagem foram realizados em anos subsequentes. Além disso, outro marco no desenvolvimento do campo foi o volume especial publicado pelo *Journal of Management Studies* em 2003. Adiante, os autores mais profícuos no exterior são: Paula Jarzabkowski e Richard Whittington (WALTER; AUGUSTO, 2011). No Brasil, ainda não existem autores que se destacam como referências (WALTER; BACHL; BARBOSA, 2012; MACIEL; AUGUSTO, 2013).

Para destacar o desenvolvimento do campo, Okayama, Gag e Oliveira Junior (2014) encontraram 82 artigos em periódicos nacionais e internacionais e Walter, Bachl e Barbosa (2012) identificaram 64 artigos nacionais e 143 artigos no exterior. Sobre as metodologias de estudo destaca-se a predominância de pesquisas qualitativas e por meio de estudos de caso (WALTER; AUGUSTO, 2011; WALTER; BACHL; BARBOSA, 2012). Jarzabkowski, Balogun e Seidl (2007) e Venkateswaran e Prabhu (2010) indicam a variedade de métodos e pluralidade de interesses de pesquisa. Sage, Dainty e Brookes (2012, p. 223) destacam a análise do discurso, *sensemaking* e a etnometodologia. Em termos de coleta de dados destaca-se a observação, entrevista e documentos e como análise *grounded theory* e a análise crítica do discurso (WALTER; AUGUSTO, 2012).

As pesquisas em estratégia possuem como foco a compreensão da estratégia como algo amplo e que envolve toda a organização. No entanto, como indica Okayama, Gag e Oliveira Junior (2014), a distribuição por nível organizacional é disforme com pesquisas predominantes ainda no topo e no nível médio. Jarzabkowski e Spee (2009) também

observaram essa tendência e indicam também como agenda de pesquisa o estabelecimento de relações mais próximas entre aspectos micro e macro nas análises empíricas. Como síntese o Quadro 1 apresenta as principais contribuições das revisões encontradas.

Estudo	Contribuição - Estratégia como prática
Jarzabkowski e Spee (2009)	A agenda de pesquisa deve procurar estabelecer uma relação maior entre aspectos micro e macro nas análises e fundamentar os resultados de desempenho nas pesquisas.
Walter e Augusto (2011)	Existe uma defasagem entre as primeiras publicações na literatura internacional e na brasileira; Destaca o crescimento do campo no Brasil.
Walter e Augusto (2012)	As pesquisas focam o nível do 'topo'; o tema central é <i>strategizing</i> ; o delineamento principal é estudo de caso por meio de entrevistas, observação e documentos.
Walter, Bachl e Barbosa (2012)	A rede de autores estrangeiros é densa e com grande cooperação; a rede nacional é fragmentada com pouca cooperação, sem autores ou instituições preponderantes.
Vaara e Whittington (2012)	A pesquisa em estratégia como prática tem ajudado na inserção de teorias sociológicas na administração estratégica e promovido novas metodologias.
Maciel e Augusto (2013)	A virada prática está concentrada no vocabulário da sociologia da regulação; a finalização da virada não está completa.
Rusko (2013)	Dois perspectivas principais de estudos de estratégia: 'estratégia por si própria', e 'estratégias de gestão' - estratégia como prática se refere à primeira perspectiva;
Okayama, Gag e Oliveira Junior (2014)	Os autores questionam se o ingresso tardio do Brasil no campo é fruto da inexistência de uma teoria organizacional genuinamente brasileira; destacam um maior número de análises no topo das organizações em detrimento de outros níveis.
Seidl e Whittington (2014)	Os autores dividem os trabalhos em eixos: Foucault; Giddens; Bourdieu; Archer; <i>Narratology</i> e Wittgenstein; as pesquisas devem se atentar para aspectos macro.
Maia, Serio e Alves Filho (2015)	Destaca a proeminência do Reino Unido na produção acadêmica; evidenciam uma concentração de publicações em periódicos das áreas de estudos organizacionais.

Quadro 1: Síntese das revisões sobre estratégia como prática.

Fonte: Elaborado pelos autores.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste trabalho foi realizada uma revisão de escopo, a qual envolve levantamento e síntese de trabalhos científicos (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). Nesse tipo de revisão os trabalhos são selecionados, mapeados, sumarizados e apresentados mediante etapas sequenciais (ARKSEY; O'MALLEY, 2005). Na estratégia como prática este tipo de pesquisa é importante para verificar o amadurecimento do campo (WALTER; BACHL; BARBOSA, 2012), principalmente no Brasil, onde os estudos ainda são emergentes (BRITO et al., 2014). Adiante, apesar das revisões já realizadas, este trabalho se diferencia por procurar identificar especificamente traços (influência) da *linguistic turn* na estratégia como prática.

Para a coleta dos dados, foram delimitadas bases internacionais e nacionais com o intuito de abranger um escopo maior: *Web of Science*, *Scopus*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil) e a *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL). Para as buscas, dada a amplitude da virada linguística, foram delimitados como termos: linguagem, comunicação e discurso. Para as buscas na *Web of Science* e na *Scopus* foi utilizada uma combinação das expressões '*strategy as practice*' e as expressões '*language*', '*discourse*' e '*communication*', cada uma em um momento de busca. No caso nacional, tanto no SciELO Brasil quanto na SPELL buscou-se diretamente por "estratégia como prática", optando por, posteriormente, filtrar pelas expressões 'linguagem', 'discurso' e 'comunicação' em decorrência de sistemas de busca mais limitados. Essas palavras foram escolhidas a partir da leitura de artigos da estratégia como prática e das características da virada linguística.

Após estes procedimentos foram encontrados 106 artigos publicados em periódicos: 47 artigos da *Web of Science*, 26 da *Scopus*, 7 do SciELO Brasil e 26 da SPELL. Em cada uma das buscas na *Web of Science* e *Scopus* as referências dos artigos e referências citadas por eles foram exportadas para o *software EndNote*[®] e realizado *download* em formato de planilha eletrônica para tabulação. Em relação aos artigos do SciELO Brasil e SPELL foi realizado *download* imediato dos artigos.

Posteriormente, foi realizada uma verificação dos artigos duplicados e a consistência à teoria de estratégia como prática, restando 77 artigos. Em planilha eletrônica foram organizados alguns dados destes artigos, referentes as categorias (1) linguagem, (2) discurso e (3) comunicação e foram descartados os artigos que não apresentavam nenhuma discussão conceitual ou metodológica acerca destes três conceitos. Com isso para a próxima etapa restaram 48 artigos. Na leitura e fichamento, dois artigos foram eliminados devido a não aderência ao escopo. Finalmente, o banco de dados foi composto por 46 artigos.

Estes 46 artigos foram separados primeiramente em dois grupos utilizando a conceituação de Walter e Augusto (2011): (1) estudos estrangeiros e (2) estudos nacionais. Adiante, em planilha eletrônica além do título, ano de publicação, autores, palavras-chave, periódico e dos filtros (1) linguagem, (2) discurso e (3) comunicação organizados na etapa anterior, foram acrescentados os seguintes itens: tipo do estudo; natureza da pesquisa; método de estudo; procedimentos de coleta de dados; marco teórico/conceitual e nível organizacional dos pesquisados. Além da planilha eletrônica, as análises foram realizadas com auxílio do *software NVivo*[®] mediante o qual foram categorizadas as temáticas relacionadas à estratégia como prática e os autores (da virada prática e linguística, dentre outras). Esse procedimento, marcada pela ocorrência textual, é definida como análise de conteúdo (VERGARA, 2006).

As temáticas foram delineadas segundo chamada de Clegg, Carter e Kornberger (2004) e as revisões apresentadas anteriormente, são elas: poder; mudança; *strategizing*; narrativa; *sensemaking*; práxis; identidade; cotidiano; instituições; cultura; *performance*; espaço; tomada de decisão; subjetividade; racionalidade; ética; teoria institucional; materialidade; reflexividade; atores não-humanos (foram realizadas buscas em português e inglês). Quanto aos autores, foram utilizadas as indicações de Zwick, Silva e Brito (2014), Seidl e Whittington (2014), Vaara e Whittington (2012) e Jarzabkowski e Spee (2009), além disso, foram acrescentados autores conhecidos da virada linguística: Giddens; Foucault; Weick; Schatzki; Bourdieu; Latour; Wittgenstein; Certeau; Goffman; Heidegger; Fairclough; Habermas; Luhmann; Searle; Lyotard; Garfinkel; Vygotsky; Austin; Apel; Derrida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Mapeamento dos estudos

O arcabouço de análise é composto de 46 artigos - 32 artigos publicados em periódicos estrangeiros, o que corresponde a 69,6% do total da amostra e 14 artigos em revistas brasileiras, 30,4%. Conforme destacado por Walter e Augusto (2012) e Walter, Bachl e Barbosa (2012), no Brasil a estratégia como prática ainda está em desenvolvimento - em relação às publicações europeias (especificamente da Inglaterra). Isso se mantém nos artigos voltados para discussões sobre linguagem, discurso e comunicação.

Destaca-se que o trabalho de Clegg, Carter e Kornberger (2004) foi o primeiro orientado pela abordagem da estratégia como prática a discutir alguma das categorias de análise deste estudo. Esses autores enfocam a linguagem e os discursos de estratégia. Além disso, foi possível observar que o ano com maior número de publicações foi 2013, com 12 artigos (26,09% do total). Em segundo lugar aparece o ano de 2011, em conformidade com a tendência encontrada nos trabalhos de Okayama, Gag e Oliveira (2014) e Maia, Serio e Alves Filho (2015). Ressalta-se, também, que a partir de 2011, houve publicações em todos os anos, mostrando interesses por aspectos linguísticos, comunicativos e discursivos das estratégias.

Considerando a classificação entre artigos nacionais e estrangeiros, no Brasil, os primeiros atores a discutirem as categorias de análise deste trabalho foram Canhada e Rese (2009), em um artigo sobre a evolução dos estudos de estratégia até a emergência da perspectiva da estratégia como prática. Dessa forma, houve um *gap* entre a primeira publicação no estrangeiro e a primeira publicação nacional - identificada em outras pesquisas (WALTER; BACHL; BARBOSA, 2012; MACIEL; AUGUSTO, 2013).

Quanto aos autores com maior número de trabalhos publicados relacionados à virada linguística, destacam-se Paula Jarzabkowski, Saku Mantere e David Seidl, com quatro artigos cada e com vários artigos em co-autoria (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007; SEIDL, 2007; MANTERE; VAARA, 2008; JARZABKOWSKI; BALOGUN, 2009; MANTERE, 2013; SUDDABI; SEIDL; LÊ, 2013; KÜPERS; MANTERE; STATLER, 2013; BALOGUN et al., 2014; SEIDL; WHITTINGTON, 2014; JARZABKOWSKI; BURKE; SPEE, 2015). Nacionalmente, se destacou Carrieri com três artigos (CARRIERI et al., 2012; QUARESMA JUNIOR; PEIXOTO; CARRIERI, 2013; SILVA; CARRIERI; JUNQUILHO, 2011).

Quanto aos periódicos, destaca-se a Revista de Administração Mackenzie, periódico nacional, com seis publicações (maior número). Sobre os periódicos internacionais, *Organization Studies* e *Journal of Management Studies* aparecem como aqueles de maior concentração, respectivamente, cinco e quatro artigos. É importante ressaltar, conforme Maia, Serio e Alves Filho (2015), a predominância de publicações em periódicos das áreas de estudos organizacionais em detrimento dos periódicos clássicos da administração estratégica.

Do total dos artigos, 47,8% são estudos empíricos (22 artigos), enquanto 39,13% (18 artigos) são teóricos e 13,04% (6 artigos) revisões/levantamentos. Ressalta-se que dos 22 estudos empíricos, 21 são de natureza qualitativa, o que corrobora a tendência apresentada por Vaara e Whittington (2012). A exceção é o estudo de Paroutis e Heracleous (2013), no qual utilizaram de tratamento estatístico na análise dos resultados, caracterizando-o como um estudo qualitativo-quantitativo. Isso indica que a parte do campo de estratégia como prática que discute linguagem, comunicação e discurso ainda não atendeu a chamada de Venkateswaran e Prabhu (2010) para pesquisas quantitativas.

É importante destacar que todos os artigos empíricos publicados em revistas nacionais tem como objeto um perfil de organizações diferenciado do foco de estudo das publicações internacionais, que ainda são desenvolvidos em grandes empresas. No Brasil, foram encontradas pesquisas em organizações não empresariais como: cooperativa (QUARESMA JUNIOR; PEIXOTO; CARRIERI, 2013), programa governamental (SAMPAIO; FORTUNATO; BASTOS, 2013), incubadora de empreendimentos solidários (SCHOLZ; ROSA; BORGES, 2014) e outro em uma associação de pequenos e médios empresários (TURETA; LIMA, 2011). No meio empresarial também diferem do perfil hegemônico do campo, sendo organizações familiares (CARRIERI et al., 2012). Assim, as pesquisas nacionais podem diversificar os tipos das organizações estudadas, bem como os sujeitos participantes.

4.2 Traços da virada linguística e sua influência na estratégia como prática

A partir dos resultados é possível afirmar que a categoria ‘discurso’ aparece como a mais citada nos artigos, num total de 36 ocorrências, seguida por ‘linguagem’, 33 ocorrências e ‘comunicação’ com 26 ocorrências. Destaca-se que comunicação é a categoria menos explorada, indicando que ainda não se caminhou para uma que possa ser chamada de virada comunicativa. Sobre a ocorrência de diferentes categorias em um mesmo artigo, observa-se que 16 estudos, ou um terço da amostra, utilizam os três termos no mesmo texto. Além disso, é possível afirmar que existe uma relação maior entre ‘discurso’ e ‘linguagem’ nos artigos analisados. Observa-se que metade dos artigos nacionais (7) discute apenas um dos conceitos, enquanto 81,26% (26) das publicações internacionais apresentam pelo menos dois termos indicando que debatem de forma mais integrada os três conceitos.

Os termos analisados e os anos de publicação dos artigos em questão permitem afirmar que a partir do ano 2011 houve uma maior ocorrência da utilização de tais categorias. Adiante, destaca-se que comunicação aparece somente em 2007 com os artigos de Seidl (2007) e Sillence e Mueller (2007).

Em termos de palavras-chave destacam-se discurso (9), poder (8), *sensemaking* (4) e teoria institucional (3). Além dessas aparecem mudança, instituições, identidade, práxis, narrativa, *strategizing*, palavras comuns no campo. Dentre as categorias centrais do presente estudo, destaca-se que o termo ‘linguagem’ apareceu uma vez individualmente e outra na expressão ‘jogos de linguagem’ ambos utilizados por Seidl (2007); ‘comunicação’ (e palavras derivadas) aparece em seis expressões diferentes, a saber: ‘práticas discursivas e comunicacionais’, ‘teoria da comunicação’, ‘*communicative constitution of organization*’, ‘racionalidade comunicativa’, ‘comunicação organizacional’ e ‘discurso’ é a categoria mais recorrente nas palavras-chave, aparecendo individualmente nove vezes, e como expressão em ‘análise de discurso crítica’, representando a perspectiva metodológica de análise.

A abordagem da estratégia como prática é caracterizada pelas contribuições de diversas correntes teóricas. O Quadro 2 mostra os temas complementares que serviram de apoio para os trabalhos analisados.

Temas complementares	Artigo	n
Cotidiano (Michel de Certeau)	Carrieri et al. (2012); Silva, Carrieri e Junquillo (2011); Quaresma Junior, Peixoto e Carrieri (2013); Sampaio, Fortunato e Bastos (2013)	4
Teoria institucional e neo-institucionalismo	Coraiola, Mello e Jacometti (2012); Paroutis e Heracleous (2013); Suddabi, Seidl e Lê (2013); Bjerregaard e Nielsen (2014)	4
Poder (Michel Foucault)	McCabe (2009); Kornberger e Clegg (2011); Hardy e Thomas (2014)	3
Wittgenstein, Lyotard e Luhmann	Seidl (2007); Mantere (2013); Quaresma Junior, Peixoto e Carrieri (2013)	3
Análise do Discurso Crítico	Paroutis, McKeown e Collinson (2013); Mantere e Vaara (2008)	2
Etnometodologia	Mueller et al. (2013); Buisson (2014)	2
Grounded theory	Sillince e Mueller (2007); Kornberger e Clegg (2011)	2
Narrativas	Fenton e Langley (2011); Küpers, Mantere e Statler (2013)	2
Teoria da Atividade	Jarzabkowski e Balogun (2009); Marietto, Sanches e Meireles (2012)	2
Pierre Bourdieu	Bjerregaard e Nielsen (2014)	1
<i>Constitutive Communication of Organization methodology</i>	Buisson (2014)	1
Epistemic Culture; Sociologia da Tecnologia	Moisander e Stenfors (2009)	1
Escola de Montreal	Rese, Casali e Canhada (2011)	1
Fenomenologia	Paroutis e Heracleous (2013)	1
Agir Comunicativo (Habermas)	Zwick, Silva e Brito (2014)	1
Hermenêutica (H-G. Gadamer)	Ericson (2014)	1
<i>Sensemaking</i> , Sociomaterialidade	Balogun et al. (2014)	1
<i>Sensemaking</i>	Cooren et al. (2011)	1

Quadro 2: Temas/teorias complementares.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que os temas mais recorrentes são: as discussões de cotidiano de Michel de Certeau (todos nacionais) e as teorias do institucionalismo e novo-institucionalismo. Através da análise dos procedimentos metodológicos adotados nos estudos empíricos foi possível descrever os seguintes métodos com maior utilização: estudo de caso (13 ocorrências), pesquisa etnográfica (5), estudo de casos múltiplos (3 ocorrências). Quanto aos instrumentos de coleta de dados, destacam-se o uso de entrevistas (18 ocorrências); pesquisa documental (17); e observação (11). O uso de entrevistas como instrumento predominante está de acordo com os resultados de Okayama, Gag e Oliveira (2014), contudo, neste estudo, observou-se uma grande ocorrência do uso da pesquisa documental, superior ao uso da observação. Isso se explica em parte pelo enfoque em pesquisas com foco nos aspectos discursivos da estratégia.

Quanto às técnicas de análise de dados aponta-se a maior ocorrência das seguintes: *grounded theory* (5 ocorrências), análise de conteúdo (3), análise do discurso (3), análise do discurso crítica (2). Assim como em Walter e Augusto (2012), a *grounded theory* aparece como técnica mais utilizada, contudo, aqui percebe-se uma maior ocorrência de análise do

discurso. Conforme apontado acima, o artigo de Paroutis e Heracleous (2013) aparece como o único que utiliza técnicas estatísticas descritivas. É importante salientar, contudo, que alguns artigos não descrevem separadamente os procedimentos metodológicos utilizados, dificultando a análise que aqui proposta. Walter e Augusto (2012) também encontraram dificuldades nesse sentido.

4.3 Categorias (comunicação; linguagem; discurso), temas e autores

Aqui, busca-se relacionar às categorias ‘linguagem’, ‘discurso’ e ‘comunicação’ com diversas temáticas da estratégia com prática. A Tabela 1 apresenta as categorias, as temáticas e os autores bem como as frequências em que aparecem nos 46 artigos.

Tabela 1: Relação de temáticas e autores com as categorias linguagem, comunicação e discurso

Temas	Virada linguística			Autor	Virada linguística		
	Linguagem	Discurso	Comunicação		Linguagem	Discurso	Comunicação
Poder	733	767	392	Giddens	19	17	12
Mudança	536	787	269	Foucault	19	17	11
Strategizing	531	591	338	Weick	17	17	13
Narrativas	476	484	395	Schatzki	16	18	12
<i>Sensemaking</i>	272	278	161	Bourdieu	15	11	9
Práxis	224	203	102	Latour	13	14	11
Identidade	179	238	150	Wittgenstein	12	10	8
Cotidiano	155	178	117	Certeau	11	11	10
Instituições	151	113	78	Goffman	10	9	9
Cultura	115	160	174	Heidegger	9	9	7
<i>Performance</i>	96	141	100	Fairclough	8	8	3
Espaço	85	245	118	Habermas	6	6	5
Tomada de decisão	81	125	89	Luhmann	6	5	5
Subjetividade	75	79	45	Searle	5	5	4
Racionalidade	64	78	51	Lyotard	4	2	3
Ética	39	47	29	Garfinkel	4	2	3
Teoria Institucional	39	48	18	Vygotsky	4	2	3
Materialidade	19	21	12	Austin	4	5	6
Reflexividade	16	17	15	Apel	1	1	1
Autores não-humanos	9	7	2	Derrida	1	1	0
Total	3.895	4607	2.655	Total	184	170	135

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que ‘poder’, ‘mudança’, ‘*strategizing*’, ‘narrativas’, ‘*sensemaking*’ e ‘práxis’ são os temas com maior ocorrência nos trabalhos analisados. Pela análise, ‘poder’ foi identificado como um conceito mais relacionado às categorias discurso e linguagem (valores absolutos). A articulação da discussão sobre poder com os aspectos discursivos da estratégia é, inclusive, anterior à própria abordagem da estratégia como prática, conforme trabalho de Knights e Morgan (1991).

O tema ‘mudança’, apesar de ser recorrente nas outras categorias, tem maior relação com discurso. ‘*Strategizing*’ aparece como conceito recorrente por se tratar de um termo característico do campo (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007; JOHNSON; MELIN; WHITTINGTON, 2003). Os conceitos de ‘narrativas’ e ‘*sensemaking*’ figuram entre os termos mais ocorrentes por representarem, de forma mais estreita, os traços da virada linguística nos estudos de estratégia. A presença dessas temáticas é associada diretamente a virada narrativa e a virada comunicativa (FENTON; LANGLEY, 2011).

No cenário brasileiro, em específico, os temas mais recorrentes quando relacionados linguagem são: ‘práxis’, ‘poder’, ‘espaço’, ‘instituições’ e ‘racionalidade’. Quanto àqueles mais próximos ao discurso, figuram ‘espaço’, ‘pode’, ‘cotidiano’, ‘*strategizing*’ e ‘racionalidade’. Da mesma forma, os conceitos com maior ocorrência relacionados à comunicação são: ‘poder’, ‘*strategizing*’, ‘espaço’, ‘cotidiano’ e ‘práxis’. Alguns conceitos

estão sendo pouco abordados nos trabalhos analisados, tais como os temas ‘materialidade’, ‘atores não-humanos’, ‘ética’ e ‘reflexividade’ - mesmo que ‘materialidade’ e ‘atores não-humanos’ estejam ganhando escopo na estratégia como prática, isso não acontece quando se delimita para as categorias linguagem, comunicação e discurso (virada linguística), em parte, em decorrência de diferenças epistemológicas e ontológicas.

Conforme já mencionado Clegg, Carter e Kornberger (2004) propuseram uma agenda que considerasse os conceitos de poder, identidade profissional, atores não-humanos, ética, linguagem e instituições. Sobre essa abordagem os resultados apontam que a chamada por estudos envolvendo ‘poder’ e “linguagem” foi atendida pelos autores do campo da estratégia como prática com maior orientação aos preceitos da virada linguística. Os conceitos de ‘identidade’ e ‘instituições’ têm sido discutidos, embora não sejam proeminentes nas categorias aqui analisadas. Por outro lado, ‘ética’ e ‘atores não-humanos’ são temas pouco abordados por esses autores, de modo que fica evidenciado o não atendimento à chamada. Contudo, é importante lembrar que os trabalhos orientados pela virada linguística não compreendem a totalidade de estudos sobre estratégia como prática, de modo que é possível que tais temas possuam outro tratamento em uma análise global da perspectiva.

Em direção às viradas já exploradas neste trabalho, cabe ressaltar os autores que constituem as diferentes viradas que influenciaram a estratégia como prática: Anthony Giddens, referente à teoria da estruturação; Michel Foucault, relacionado com as relações de poder nas estratégias; Karl Weick, *sensemaking* nas organizações; Theodore Schatzki, teórico das práticas localizadas; e Pierre Bourdieu, com a praxeologia (*habitus*, campo e capital), são os autores mais citados nos artigos analisados. Ressalta-se que Giddens, Foucault, Bourdieu e Schatzki se relacionam mais diretamente à *practice turn* e são, provavelmente, os teóricos desse movimento mais citados no campo de estudos de estratégia como prática (MACIEL; AUGUSTO, 2013; WALTER; BACHL; BARBOSA, 2012; OKAYAMA; GAG; OLIVEIRA JUNIOR, 2014). A recorrência de Karl Weick evidencia a importância do conceito de *sensemaking* nos trabalhos analisados (relacionado diretamente à comunicação). Por outro lado, a ocorrência de citações de Bruno Latour nos faz questionar o número de referência aos termos ‘atores não-humanos’ e ‘materialidade’ - isso se deve a citação do autor apenas de forma contextual.

No sentido contrário, os principais representantes da virada linguística, tais como, John Austin, John Searle, Niklas Luhmann, Karl-Otto Apel, Jürgen Habermas e Jacques Derrida foram pouco citados, com exceção de Wittgenstein que aparece em todas as categorias entre os 10 mais citados.

No que tange à relação entre os autores e as categorias de análise, nota-se um maior vínculo de certos teóricos e os termos linguagem, discurso e comunicação, conforme descrito. Nessa direção, observa-se como Schatzki e Latour estão mais próximos dos estudos que abordam discurso, em detrimento de linguagem e comunicação. Da mesma forma, Foucault, Giddens, Bourdieu, Wittgenstein, Luhmann, Lyotard e Garfinkel estão mais relacionados à linguagem frente às outras categorias. Também é possível perceber que alguns autores estão menos relacionados com o termo comunicação, como Foucault, Fairclough e Derrida.

Constata-se que a tendência de referenciar autores como Giddens, Bourdieu, Schatzki e Foucault, conforme constatado, é tendência de várias linhas de pesquisa dentro da estratégia como prática. Como contraponto, é importante destacar que os artigos que desenvolvem uma abordagem focada especialmente em um destes autores são poucos, isto é, muitas das citações são apenas para apresentar as bases de construção do campo ou para legitimar certos termos ou temas, mas não são desenvolvidos profundamente. Como exemplo, os trabalhos de Clegg, Carter e Kornberger (2004) que citam Foucault apenas para afirmar que o poder é uma força produtiva e, de forma semelhante, Fenton e Langley (2011) para enfatizar a relação entre discurso, poder e conhecimento. Outros exemplo são: Cooren et al. (2011) que citam Giddens

para se opor a relação de antagonismo entre micro e macro; Buisson (2014) cita Bourdieu para falar brevemente de *habitus* e Küpers, Mantere e Statler (2013) citam o mesmo para afirmar que as palavras são formas de capital simbólico.

Um caso especial é Latour, conforme mencionado, apesar de ser citado muitas vezes em todas as categorias, as expressões que remetem ao seu escopo teórico central (não-humanos; materialidade) não apareceram como muito citados. Por meio da análise das referências ao mesmo encontrou-se que os autores que mais se remetem a ele são Kaplan (2011) - 9 vezes - e Seidl e Whittington (2014) - 8 vezes. Kaplan (2011) cita o autor (Latour e Woolgar), no entanto, não desenvolve uma abordagem focada neste autor. O mesmo ocorre com Seidl e Whittington (2014), Buisson (2014), Moisaner e Stenfors (2009) e Seidl (2007) que também citam Latour apenas *en passant*.

Para demonstrar os artigos que desenvolveram uma abordagem focada potencialmente em um dos autores citados foi elaborada o Quadro 3.

Autor	Artigo	Texto
Certeau	Silva, Carrieri e Junquillo (2011)	A estratégia como prática social nas organizações: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas
	Quaresma Junior, Peixoto e Carrieri (2013)	A cristalização de uma microrrevolução francesa: o caso das cooperativas de Salinas-MG
	Sampaio, Fortunato e Bastos (2013)	A estratégia como prática social: o pensar e o agir em um programa social governamental
Foucault	McCabe (2009)	Strategy-as-power: ambiguity, contradiction and the exercise of power in a UK building society
	Hardy e Thomas (2014)	Strategy, discourse and practice: the intensification of power
Habermas	Hutton e Liefoghe (2011)	Mind the gap: revisioning organization development as pragmatic reconstruction
	Zwick, Silva e Brito (2014)	Estratégia como prática social e teoria da ação comunicativa: possíveis aproximações teóricas
Fairclough	Hutton e Liefoghe (2011)	Mind the gap: revisioning organization development as pragmatic reconstruction
Liotard	Seidl (2007)	General strategy concepts and the ecology of strategy discourses: a systemic-discursive perspective
Luhmann	Seidl (2007)	General strategy concepts and the ecology of strategy discourses: a systemic-discursive perspective
Vygotsky	Marietto, Sanches e Meireles (2012)	Strategy as practice: a discussion of the epistemological appropriation of historical-cultural activity theory by the activity-based view

Quadro 3: Textos que discutiram em profundidade um dos autores.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme se percebe, apesar de serem autores pouco referenciados pelo campo, dois artigos foram desenvolvidos em cima das contribuições de Habermas, um nacional (ZWICK; SILVA; BRITO, 2014) e um estrangeiro (HUTTON; LIEFOOGHE, 2011). Este último também articulou os textos de Fairclough - Análise de Discurso Crítico. Por sua vez, o texto de Seidl (2007) que articulam Lyotard e Luhmann - autores também pouco lembrados no escopo geral do campo, mas que são importantes para a virada linguística.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem da estratégia como prática vem ganhando relevância por fomentar a investigação de fenômenos envolvendo estratégias organizacionais a partir de teóricos e de correntes de pensamento advindas de movimentos de viradas na filosofia e nas ciências sociais no século XX. Inicialmente, observa-se que os estudos em estratégia como prática alinhados aos preceitos da virada linguística acompanham algumas direções do campo como um todo, destacando a não discrepância na quantidade de trabalhos teóricos e empíricos e a tendência de publicações em periódicos cuja área está mais próxima aos estudos organizacionais do que aos periódicos clássicos de administração estratégica. No caso

brasileiro, permanecem tais características, contudo, ressalta-se que os artigos empíricos têm como objeto de pesquisa organizações cujo perfil é diferente das organizações estudadas fora do país; no Brasil muitas das pesquisas foram realizadas em organizações não empresariais.

Quanto às perspectivas metodológicas, identificou-se uma forte orientação à utilização de estudos de caso e *grounded theory*. A virada linguística também apresenta seu traço nos dados coletados nas pesquisas (conversações, textos, diálogos, documentos, etc.). Adiante, discute-se a existência de uma maior ocorrência das três categorias, comunicação, linguagem e discurso, em conjunto num mesmo trabalho em detrimento da aparição dos conceitos separadamente ou em dupla. Ocorre melhor articulação das categorias nos artigos estrangeiros frente aos nacionais. Entende-se que há uma proximidade entre os conceitos, evidenciada pela maior frequência dos três termos em conjunto, no que diz respeito à construção discursiva do trabalho estratégico. Foi nessa direção que Hendry (2000, p. 964, tradução dos autores) definiu discurso articulando os três conceitos: "[**discurso** é] qualquer corpo de **comunicações** baseadas em **linguagem** que sejam organizadas, ou não, em textos".

Como traços da virada linguística, encontram-se discussões voltadas às temáticas poder, narrativa e *sensemaking*. Tal relação também está presente quando são observados os autores discutidos em profundidade nos artigos, como Foucault, Habermas, Lyotard, Luhmann, etc. Entretanto, outros teóricos fundamentais à virada foram pouco explorados, a saber: Austin, Searle, Apel, dentre outros. Nota-se que certos traços da virada linguística estão presentes nos estudos alinhados à perspectiva da estratégia como prática. Contudo, não é possível afirmar que esta virada foi profundamente explorada até aqui, concordando com a colocação elaborada há 5 anos por Vaara (2010) quanto à carência de estudos que aprofundem nessa direção. Detidamente, a maior lacuna se refere à categoria comunicação, que se apresenta como a menos discutida em detrimento de linguagem e discurso, com exceção de textos referentes às temáticas *sensemaking* e *constitutive communication of organization methodology*. Quanto ao discurso, observa-se que, além de ser abordado como uma categoria importante para a compreensão da estratégia (e dos discursos de estratégia), esta aparece como procedimento de análise de dados (análise de discurso e análise de discurso crítico).

Faz-se necessário ressaltar, que devido ao caráter de revisão deste trabalho, não foi possível uma investigação em profundidade de outros aspectos envolvendo a virada linguística que não estivessem relacionados às categorias de análise. É possível, ainda, que outras categorias e orientações favorecessem o alcance dos objetivos desta pesquisa e o aprimoramento do debate de estudos das estratégias organizacionais. Destaca-se que nesse processo não foram explorados artigos que debatem a relação entre estratégia, comunicação, linguagem e discurso que não estão no escopo do campo da 'estratégia como prática' (KNIGHTS; MORGAN, 1991; BARRY; ELMES, 1997), de modo que tais trabalhos podem ser analisados em pesquisas futuras. Observa-se que outro fator que limitou este estudo foi o fato de que os estudos da abordagem da estratégia como prática citam constantemente filósofos e sociólogos diversos, mas que não necessariamente, como demonstrado, desenvolvem uma discussão aprofundada com os mesmos. Além disso, pela especificidade da busca (*strategy-as-practice* / estratégia como prática) destaca-se que não foram focados os artigos que se referem exclusivamente à *strategy as discursive practice* e dessa forma trabalhos (tangencialmente e integralmente) no campo como Pälli, Vaara e Sorsa (2009), Baêta, Brito e Souza (2014) e Ezzamel e Willmott (2008) não foram analisados.

Nesse sentido, propõe-se a seguinte agenda de pesquisas: i) aprofundar as contribuições da virada linguística na construção de arcabouços epistemo-metodológicos de pesquisa; ii) abordar contribuições de outros autores da virada linguística, comunicativa e narrativa; iii) desenvolver pesquisas críticas focadas em aspectos distorcidos da comunicação como ideologia, comunicação sistematicamente distorcida e manipulação nos processos do

fazer estratégia e iv) aprofundar a agenda de pesquisa proposta por Clegg, Carter e Kornberger (2004), principalmente, nas discussões sobre ética e atores não-humanos.

Essa agenda teórico-empírica pode contribuir para a solidificação dessas viradas (em destaque da virada linguística) para o campo da estratégia como prática, tal como elucidar, de forma mais nítida, os adjetivos que elas carregam: prática, discursiva, linguística, narrativa, performática e comunicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVESSON, M.; KÄRREMAN, D. Taking the linguistic turn in organizational research challenges, responses, consequences. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 36, n. 2, p. 136-158, 2000.
- ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: towards a methodological framework. **International journal of social research methodology**, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.
- BAÊTA, O. V.; BRITO, J. M.; SOUZA, R. B. Strategy as discursive practice in a Brazilian public university: a look under the perspective of critical discourse analysis. **Public Administration Research**, v.3, n. 2, p. 17-27, 2014.
- BALOGUN, J. et al. Placing strategy discourse in context: sociomateriality, sensemaking e power. **Journal of management studies**, v. 51, n. 2, p. 175-201, 2014.
- BARRY, D.; ELMES M. Strategy retold: Toward a narrative view of strategic discourse. **Academy of Management Review**, v. 22, n. 2, p. 429-452, 1997.
- BJERREGAARD, T.; NIELSEN, B. Institutional maintenance in an international bureaucracy: Everyday practices of international elites inside UNESCO. **European Management Journal**, v. 32, n. 6, p. 981-990, 2014.
- BRITO, M. J. et al. Proposta teórico-metodológica para o estudo da Estratégia como Prática Social: uma abordagem construcionista. In: XXXVIII Encontro da Anpad, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2014.
- BUISSON, F. How Do Investors Communicate With Innovators Such as "Geeks"? A Case Study of HackFwd. **International Journal of Arts Management**, v. 16, n. 3, p. 20-32, 2014.
- CANHADA, D. I. D.; RESE, N. Contribuições da “estratégia como prática” ao pensamento em estratégia. **Revista Brasileira de Estratégia**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 273-289, 2009.
- CARRIERI, A. P. et al. Estratégias e táticas empreendidas nas organizações familiares do mercado de Madureira (Rio de Janeiro). **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 2, p. 196-226, 2012.
- CHIA, R.; HOLT, R. Strategy as practical coping: a Heideggerian perspective. **Organization Studies**, v. 27, n. 5, p. 635-655, 2006.
- CLEGG, S.; CARTER, C.; KORNBERGER, M. 'Get up, I feel like being a strategy machine'. **European Management Review**, v. 1, n. 1, p. 21-28, 2004.
- COOREN, F. et al. Communication, Organizing and Organization: An Overview and Introduction to the Special Issue. **Organization Studies**, v. 32, n. 9, p. 1149-1170, 2011.
- CORAIOLA, D. M.; MELLO, C. M. D.; JACOMETTI, M. Estruturação da estratégia como prática organizacional: possibilidades analíticas a partir do institucionalismo organizacional. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 5, 2012.
- DEETZ, S. Reclaiming the legacy of the linguistic turn. **Organization**, v. 10, n. 3, p. 421-429, 2003.
- ERICSON, M. On the dynamics of fluidity and open-endedness of strategy process toward a strategy-as-practicing conceptualization. **Scandinavian Journal of Management**, v. 30, n. 1, p. 1-15, 2014.

EZZAMEL, M; WILLMOTT, H. Strategy as discourse in a global retailer: A supplement to rationalist and interpretive accounts, **Organization Studies**, v. 29, p. 191-217, 2008.

FENTON, C.; LANGLEY, A. Strategy as Practice and the Narrative Turn. **Organization Studies**, v. 32, n. 9, p. 1171-1196, 2011.

GOLSORKHI, D. et al. **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge: University Press, 2010.

GRAND, S.; RÜEGG-STÜRM, J.; ARX, W. V. Constructivist epistemologies in strategy as practice research. In: GOLSORKHI, D. et al. (Ed.). **Cambridge handbook on strategy as practice**. Cambridge University Press, 2010, p. 63-78.

HARDY, C.; PALMER, I.; PHILLIPS, N. Discourse as a strategic resource. **Human Relations**, v. 53, n. 9, p. 1227-1248, 2000.

HARDY, C.; THOMAS, R. Strategy, discourse and practice: The intensification of power. **Journal of Management Studies**, v. 51, n. 2, p. 320-348, 2014.

HENDRY, J. Strategic Decision Making, Discourse and Strategy as Social Practice. **Journal of Management Studies**, v. 37, n. 7, p. 955-77, 2000.

HEREPATH, A. In the loop: A Realist Approach to Structure and Agency in the Practice of Strategy. **Organization Studies**, v. 35, n. 6, p. 857-879, 2014.

HUTTON, C.; LIEFOOGHE, A. Mind the gap: revisioning organization development as pragmatic reconstruction. **Journal of Applied Behavioral Science**, v.47, n. 1, p. 76-97, 2011.

JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J. The practice and process of delivering integration through strategic planning. **Journal of Management Studies**, v. 46, n. 8, p. 1255-1288, 2009.

JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: The challenges of a practice perspective. **Human Relations**, v. 60, n. 1, p. 5-27, 2007.

JARZABKOWSKI, P.; BURKE, G.; SPEE, P. Constructing Spaces for Strategic Work: A Multimodal Perspective. **British Journal of Management**, v. 26, p. S26-S47, 2015.

JARZABKOWSKI, P.; SPEE, A. P. Strategy-as-practice: A review and future directions for the field. **International Journal of Management Reviews**, v. 11, n. 1, p. 69-95, 2009.

JOHNSON, G.; MELIN, L.; WHITTINGTON, R. Micro strategy and strategizing: towards an activity based view. **Journal of Management Studies**, v. 40, n. 1, p. 3-22, 2003.

KAPLAN, S. Strategy and PowerPoint: An Inquiry into the Epistemic Culture and Machinery of Strategy Making. **Organization Science**, v. 22, n. 2, p. 320-346, 2011.

KNIGHTS, D.; MORGAN, G. Strategic discourse and subjectivity: Towards a critical analysis of corporate strategy in organizations. **Organization Studies**, v. 12, n. 3, p. 251-273, 1991.

KORNBERGER, M.; CLEGG, S. Strategy as performative practice: The case of Sydney 2030. **Strategic Organization**, v. 9, n. 2, p. 136-162, 2011.

KÜPERS, W.; MANTERE, S.; STATLER, M. Strategy as storytelling: a phenomenological collaboration. **Journal of Management Inquiry**, v. 22, n. 1, p. 83-100, 2013.

MACIEL, C. D. O.; AUGUSTO, P. O. M. A practice turn e o movimento social da estratégia como prática: está completa essa virada? **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 2, p. 155-178, 2013.

MAIA, J. L.; SERIO, L. C.; ALVES FILHO, A. G. Almost two decades after: a bibliometric effort to map research on strategy as practice using two data sources. **European Journal of Economics, Finance and Administrative Sciences**, v. 73, p. 7-31, 2015.

MANTERE, S. What Is Organizational Strategy? A Language-Based View. **Journal of Management Studies**, v. 50, n. 8, p. 1408-1426, 2013.

- MANTERE, S.; VAARA, E. On the problem of participation in strategy: A critical discursive perspective. **Organization Science**, v. 19, n. 2, p. 341-358, 2008.
- MARIETTO, M. L.; SANCHES, C.; MEIRELES, M. Strategy as practice: a discussion of the epistemological appropriation of historical-cultural activity theory by the activity-based view. **Faces Journal**, v. 11, n. 4, 2012.
- MCCABE, D. Strategy-as-power: ambiguity, contradiction and the exercise of power in a UK Building Society. **Organization**, v. 17, n. 2, p. 151-175, 2009.
- MINGHINI, L.; MACCALI, N.; CASALI, A. M. A estratégia como prática comunicacional de construção coletiva de sentidos e significados. In: VI ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS - EnEO, 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2010.
- MOISANDER, J.; STENFORS, S. Exploring the edges of theory-practice gap: epistemic cultures in strategy-tool development and use. **Organization**, v. 16, n. 2, p. 227-247, 2009.
- MUELLER, F. et al. Politics and strategy practice: An ethnomethodologically-informed discourse analysis perspective. **Business History**, v. 55, n. 7, p. 1168-1199, 2013.
- OKAYAMA, E. Y.; GAG, M.; OLIVEIRA JUNIOR, P. F. P. Análise da produção científica em estratégia como prática. **Revista Brasileira de Estratégia**, v. 7, n. 2, p. 191-204, 2014.
- PÄLLI P.; VAARA, E.; SORSA, V. Strategy as text and discursive practice: a genre-based approach to strategizing in city administration. **Discourse & Communication**, v. 3, n. 3, p. 303-318, 2009.
- PAROUTIS, S.; HERACLEOUS, L. Discourse revisited: Dimensions and employment of first-order strategy discourse during institutional adoption. **Strategic Management Journal**, v. 34, n. 8, p. 935-956, 2013.
- PAROUTIS, S.; MCKEOWN, M.; COLLINSON, S. Building castles from sand: Unlocking CEO mythopoetical behaviour in Hewlett Packard from 1978 to 2005. **Business History**, v. 55, n. 7, p. 1200-1227, 2013.
- QUARESMA JUNIOR, E. A.; PEIXOTO, D. L.; CARRIERI, A. P. A cristalização de uma microrrevolução francesa: o caso das cooperativas de Salinas-MG. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 6, p. 162-183, 2013.
- RESE, N.; CASALI, A. M.; CANHADA, D. I. D. Reflexões iniciais sobre comunicação organizacional na abordagem da estratégia como prática social. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 10, p. 42-56, 2011.
- RORTY, R. Metaphilosophical Difficulties of Linguistic Philosophy. In: RORTY, R. (Ed.). **The Linguistic Turn**, (Chicago and London: University of Chicago Press, 1992), 1967, p. 41.
- RUDOLPH, K. The linguistic turn revisited: on time and language. **Differences**, v. 17, n. 2 p. 64-95, 2006.
- RUSKO, R. Out-of-the-box? The state of the academic discussions about strategies and strategy work. **Problems and Perspectives in Management**, v. 11, n. 4, p. 133-146, 2013.
- SAGE, D.; DAINY, A.; BROOKES, N. A 'Strategy-as-Practice' exploration of lean construction strategizing. **Building Research and Information**, v. 40, n. 2, p. 221-230, 2012.
- SAMPAIO, I. C.; FORTUNATO, G.; BASTOS, S. A. P. A estratégia como prática social: o pensar e o agir em um programa social governamental. **Organizações & Sociedade**, v. 20, p. 479-499, 2013.
- SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1874, 2006.
- SCHOLZ, H. R.; ROSA, G. F.; BORGES, M. L. Estratégia como prática e aprendizagem na interação dos sujeitos recicladores: resultados da incubadora de empreendimentos solidários,

do Centro Universitário La Salle, Canoas, RS. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 7, p. 141-160, 2014.

SEIDL, D. General strategy concepts and the ecology of strategy discourses: A systemic-discursive perspective. **Organization Studies**, v. 28, n. 2, p. 197-218, 2007.

SEIDL, D.; WHITTINGTON, R. Enlarging the strategy-as-practice research agenda: towards taller and flatter ontologies. **Organization Studies**, v. 35, n. 10, p. 1407-1421, 2014.

SILLINCE, J.; MUELLER, F. Switching strategic perspective: The reframing of accounts of responsibility. **Organization Studies**, v. 28, n. 2, p. 155-176, 2007.

SILVA, A. R. L.; CARRIERI, A. P.; JUNQUILHO, G. S. A estratégia como prática social nas organizações: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas. **Revista de Administração da USP**, v. 46, p. 122-134, 2011.

SUDDABY, R.; SEIDL, D.; LE, J. K. Strategy-as-practice meets neo-institutional theory. **Strategic Organization**, v. 11, n. 3, p. 329-344, 2013.

TURETA, C.; LIMA, J. B. Estratégia como prática social: o estrategizar em uma rede interorganizacional. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 6, p. 76-108, 2011.

VAARA, E. Critical discourse analysis as methodology in Strategy as Practice research. In: GOLSORKHI, D. et al. (Ed.). **Cambridge handbook of strategy as practice**. Cambridge University Press, 2010, p. 217-229.

VAARA, E.; WHITTINGTON, R. Strategy-as-Practice: Taking Social Practices Seriously. **The Academy of Management Annals**, v. 6, n. 1, p. 285-336, 2012.

VENKATESWARAN, R. T.; PRABHU, G. N. Taking stock of research methods in strategy-as-practice. **The Electronic Journal of Business Research Methods**, v. 8, n. 2, p. 156-162, 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

WALTER, S. A.; AUGUSTO, P. O. M. A institucionalização da estratégia como prática nos estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v. 46, n. 4, p. 392-406, 2011-12 2011.

WALTER, S. A.; AUGUSTO, P. O. M. Prática estratégica e strategizing: mapeamento dos delineamentos metodológicos empregados em estratégia como prática. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)**, Campo Largo, v. 11, n. 1, p. 131-142, 2012.

WALTER, S. A.; BACHL, T. M.; BARBOSA, F. Estratégia como prática: análise longitudinal por meio de bibliometria e sociometria. **Revista Brasileira de Estratégia**, v. 5, n. 3, p. 302-327, 2012.

WHITTINGTON, R. Completing the practice turn in strategy research. **Organization Studies**, v. 27, n. 5, p. 613-634, 2006.

WHITTINGTON, R. Estratégia após o modernismo: recuperando a prática. **Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 4, p. 44-53, 2004.

WHITTINGTON, R. Strategy as practice. **Long Range Planning**, v. 29, n. 5, p. 731-735, 1996.

WILSON, D. C.; JARZABKOWSKI, P. Pensando e agindo estrategicamente. **Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 4, p. 21-31, 2004.

ZWICK, E.; SILVA, I. C.; BRITO, M. J. Estratégia como prática social e teoria da ação comunicativa: possíveis aproximações teóricas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, n. 3, p. 384-400, 2014.